

Ingrid Santos Cirio de Azevedo

Clarissa Stefani Teixeira

# INCUBADORAS

Alinhamento Conceitual



## INCUBADORAS:

### ALINHAMENTO CONCEITUAL

#### Organizadores

Ingrid Santos Cirio de Azevedo  
Clarissa Stefani Teixeira

#### Autores

Ingrid Santos Cirio de Azevedo  
Clarissa Stefani Teixeira

#### Design e edição

Mariana Barardi

São Paulo, primeira edição, 2016

A994i

Incubadoras: alinhamento conceitual [recurso eletrônico] /  
Ingrid Santos Cirio de Azevedo; Clarissa Stefani Teixeira (Orgs.) –  
Florianópolis: Perse, 29p.: il. 2016  
1 e-book

Disponível em: < <http://via.ufsc.br/> >  
ISBN 978.85.464.0414-8

1.Incubadoras. 2. Ambientes de inovação. 3.Processo de incubação.  
4.Empreendedorismo. I. Teixeira. Clarissa Stefani II. Azevedo. Ingrid  
Santos Cirio. III. Via Estação do conhecimento. IV. Título.

CDU: 658.11



Esta licença permite a redistribuição, comercial e não comercial, desde que o trabalho seja distribuído inalterado e no seu todo, E book

Ficha catalográfica elaborada por: Milena Maredmi Correa Teixeira-  
CRB-SC 14/1477

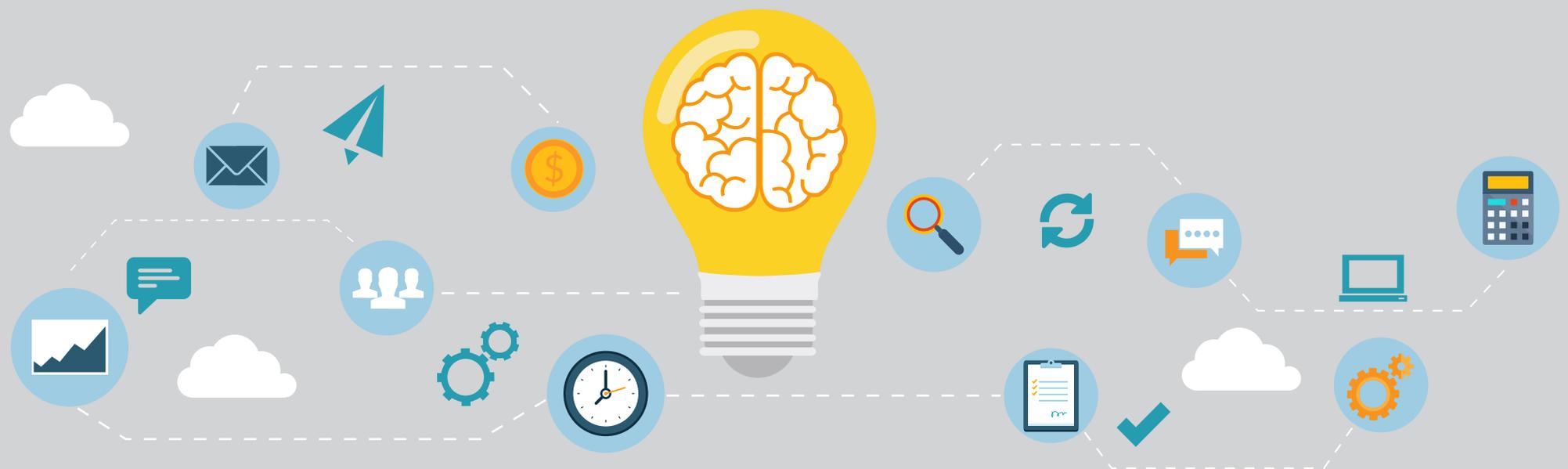
[www.via.ufsc.br](http://www.via.ufsc.br)

# CONTEXTUALIZAÇÃO INICIAL

Considerando o desenvolvimento econômico, social e tecnológico que a era do conhecimento proporcionou ao mundo, o desenvolvimento do empreendedorismo tem se destacado e possibilitado a geração de novas so-

iedades, cujas são sustentadas pelo conhecimento e pelo valor agregado a ele atrelado (BOTELHO; GAUTHIER; MACEDO, 2015). Nesse contexto, é possível destacar a definição de Dornelas (2008) para empreendedorismo

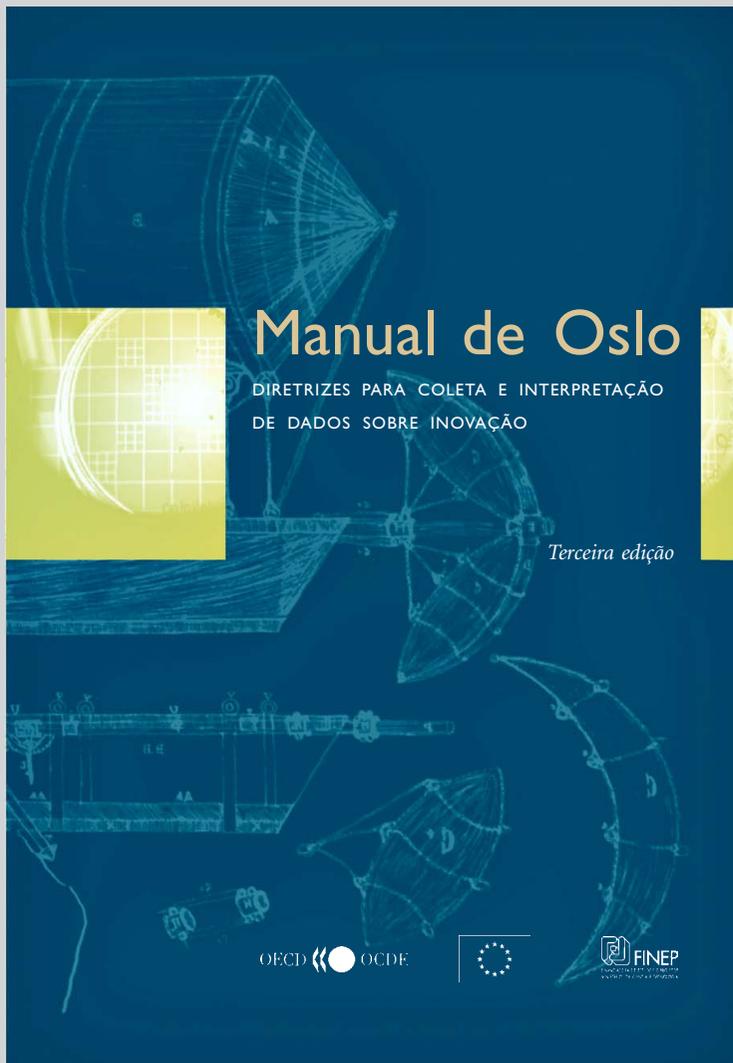
como sendo o envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, levam à transformação de ideias em oportunidades, estas oportunidades quando implementadas geram a criação de negócios de sucesso.



O termo empreendedor tem origem na palavra francesa *entrepreneur*, que significa aquele que assume riscos e começa algo novo. Essa terminologia tem sido usada desde o século XX, momento em que as principais invenções que revolucionaram o mundo foram inventadas, e pensadores começam a abordar o tema, como Schumpeter, um economista austríaco que passa a definir o empreendedor como “aquele que destrói a ordem econômica existente pela introdução de novos produtos e serviços, pela criação de novas formas de organização ou pela exploração de novos recursos e materiais” (DORNELAS, 2008).

O autor continua a afirmativa informando que além do empreendedor ser quem cria novos negócios, ele pode inovar também dentro de um negócio já existente, e a inovação pode acontecer por meio de métodos como a inserção de um novo bem, de um novo modo de produção, através da criação de um novo mercado ou a descoberta de uma nova matéria-prima. Na concepção de Schumpeter (1988) a inovação é dada como o principal insumo da competitividade entre diferentes economias.





Da mesma forma, o **Manual de Oslo**, documento da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), apresenta propostas e diretrizes para a disseminação da inovação tecnológica, define inovação como a utilização de um novo conhecimento ou a nova utilização de um conhecimento já existente, quando este é adquirido por meio de Pesquisa & Desenvolvimento (P&D) gerado pelas empresas, ou por meio da compra de uma nova tecnologia (OCDE, 2004).

Como consequência, os habitats de inovação surgem como o am-

biente que proporciona a indução para o desenvolvimento, atuando diretamente na geração de novos empreendedores e empreendimentos inovadores (BOTELHO; GAUTHIER; MACEDO, 2015). De acordo com a literatura, os habitats de inovação são ambientes propícios para o desenvolvimento das inovações, isto se dá por estes estarem abertos para o compartilhamento do conhecimento, a realização de networking, assim como permite a integração da tríplice hélice com o intuito de alavancar o potencial empreendedor e inovador (TEIXEIRA et al., 2016).

Assim, tem-se então como os principais habitats de inovação presentes no mundo os parques tecnológicos, as incubadoras, e as aceleradoras, assim como ilustra a Figura 1. Sendo as incubadoras uma entidade que fornece as condições e facilidades necessárias para o surgimento e crescimento de novas empresas e negócios, criando empregos, renda e desenvolvimento da cultura empreendedora nas comunidades de que fazem parte (BERGEK; NORRMAN, 2008; MIAN, LAMINE, FAYOLLE, 2016).



**Figura 1**

Habitats de inovação conforme tipologia.

Fonte: Teixeira et al. (2016).

No entanto, é importante notar que, enquanto os parques tecnológicos pressam pelo agrupamento de empresas já estabelecidas no mercado, universidades e instituições de pesquisa na mesma área geográfica sob a forma de projetos urbanos e imobiliários, as in-

cupadoras oferecem a oportunidade para a criação de pequenas empresas. Por se tratar do estágio inicial do empreendedorismo, ou seja, a criação de empresas, as incubadoras não necessitam de projetos imobiliários urbanos.

Além disso, o espaço necessário pode ser reduzido a um pequeno edifício ou uma sala individual, em que todos os serviços necessários para a operação das empresas possam ser executados (BERGEK; NORRMAN, 2008; MIAN, LAMINE, FAYOLLE, 2016)



# O CONCEITO DE INCUBADORA

Em 2004, a política de inovação é estabelecida e nela o conceito de incubação é definido, ao menos em âmbito Federal (BRASIL, 2004). A legislação brasileira considerou que uma incubadora de empresas se refere a uma organização ou estrutura que tem como objetivo estimular ou prestar de alguma forma um apoio logístico, gerencial, e tecnológico, ao empreendedor inovador, assim como disseminar intensivamente o conhecimento, com o intuito de facilitar a criação e o desenvolvimento de empresas inovadoras (BRASIL, 2004). Em 2016, com o **novο marco legal** estes conceitos ainda permanecem inalterados (BRASIL, 2016).

As incubadoras de empresas constituem em um espaço físico de infraestrutura técnica e operacional específica, norteadas para transformar ideias em produtos, serviços e processos, ou seja, a proposta central da incubadora é amparar as novas empresas, para que os produtos originados por meio de pesquisas que possam alcançar os consumidores (MEDEIROS; ATAS, 1995).

Segundo Andino et al. (2004) em estudo desenvolvido pela ANPROTEC, as incubadoras de empresas são um ambiente encorajador onde se oferece uma série de mecanismos para facilitar o surgimento e o crescimento de novos empreendimentos.



Sendo assim, as incubadoras de empresas disponibilizam o espaço físico, que podem variar de 300 a 1.000 metros quadrados de área construída, uma infraestrutura em torno de 20 salas cada com 60 metros quadrados, além de uma infraestrutura compartilhada, e também disponibilizam recursos humanos para guiar os empreendimentos (AIUB; ALLEGRETTI, 1998). Entretanto, estas dimensões podem ser diferentes conforme incubadora analisada, tanto considerando a dimensão total quanto o número de salas e os espaços para cada empreendimento.

A partir dessas informações, é possível definir as incubadoras como uma orga-

nização com o propósito de impulsionar o desenvolvimento de novas empresas através da aglomeração do conhecimento e do compartilhamento de recursos. É considerada uma instituição apropriada para estimular e facilitar a relação empresa-universidade (e demais instituições de ensino), fortalecimento das empresas; a vinculação entre o setor produtivo com demais instituições de apoio, instituições de pesquisa, agências de fomento e financiamento, assim como as instituições de apoio às micro e pequenas empresas, como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas (SEBRAE) (MEDEIROS; ATAS, 1995; ANDINO et al., 2004; ARANHA, 2016).



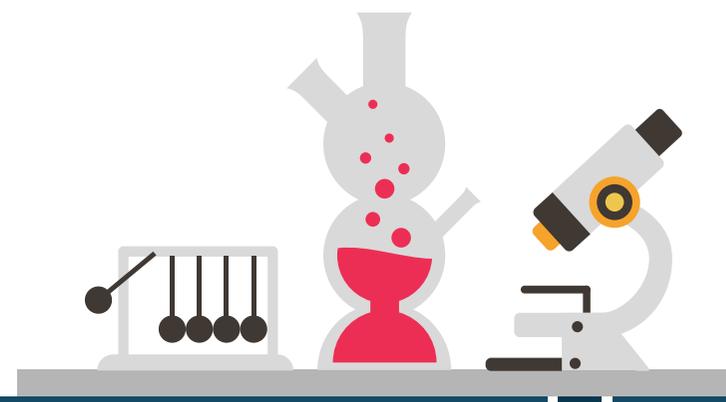
Portanto, as incubadoras de empresas são entidades com o propósito de apoiar pequenos negócios, pois apresentam capacidade desde o aspecto administrativo, operacional, ao financeiro, para esse porte de empresas, incentivando as vantagens competitivas dos empreendimentos incubados (RAUPP; BEUREN, 2006).

As incubadoras de empresas surgem a partir da demanda crescente de pessoas que buscavam formar empreendimentos que, no entanto, não possuíam o conhecimento necessário ou até mesmo não detinham a ideia de negócio validada. Dessa forma, o papel que uma incubadora desempenha se faz

importante à medida que ela se torna um espaço para troca de experiências, com o intuito de consolidar estratégias e para conectar esses empreendimentos com o mercado (CULTI, 2007).

Inicialmente, as incubadoras eram voltadas apenas para setores de conhecimento científico-tecnológicos, como informática, biotecnologia e automação industrial, projetos desenvolvidos por centros de pesquisa – universitários ou não. Portanto, eram habitualmente nomeadas de incubadoras de empresas de base tecnológica, ou incubadoras tecnológicas. Consequentemente, a incubadora tecnológica abriga empresas cujos pro-

duto, processo ou serviços resultam de pesquisa científica, onde seu alto valor agregado se verifica justamente na tecnologia desenvolvida/utilizada. Essas incubadoras normalmente encontram-se próximas a grupos de pesquisa de excelência e seus produtos e serviços são inerentes aos direitos de propriedade intelectual (FILIO; DOLABELA, 2000; DORNELAS, 2002; BAÊTA; BORGES; TREMBLAY, 2007; ANPROTEC-MCTI, 2012).

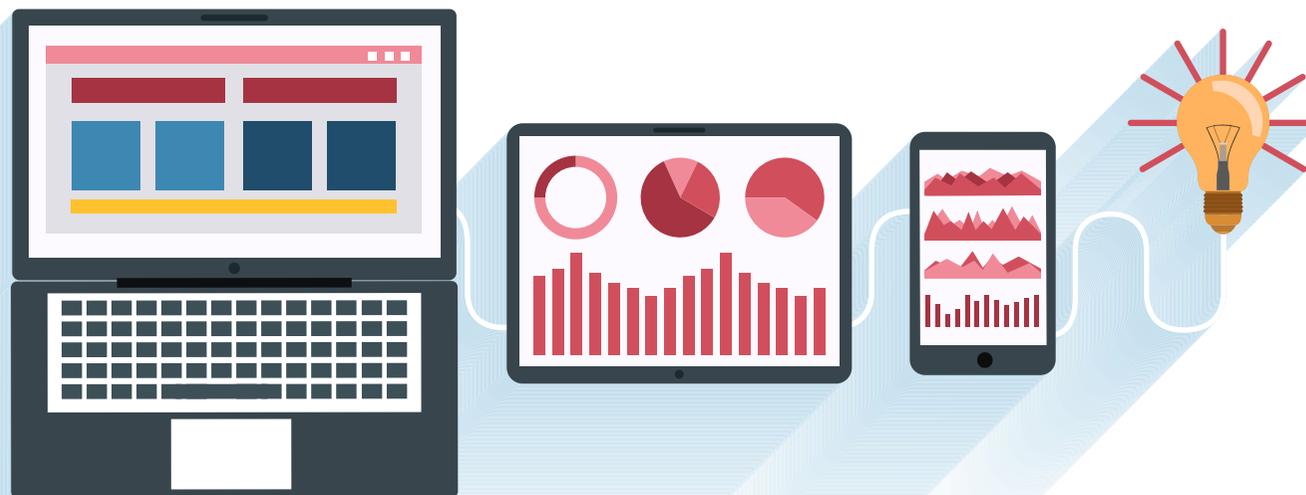


Os três principais objetivos de uma incubadora de base tecnológica são (1) desenvolvimento econômico e oportunidades locais de emprego; (2) comercialização da pesquisa e desenvolvimento e, (3) transferência de tecnologia (PHILLIPS, 2002).

A transferência de tecnologia é definida por Phillips (2002) como a transferência de uma tecnologia, técnica, ou o conhecimento que se desenvolveu em uma organização e, em seguida, transferidos para outro onde é adotado e utilizado. Transferência de tecnologia é um componente importante do

processo de inovação. Já as incubadoras de base tecnológica possuem a capacidade de impactar economicamente através da facilitação da transferência de tecnologia (PHILLIPS, 2002).

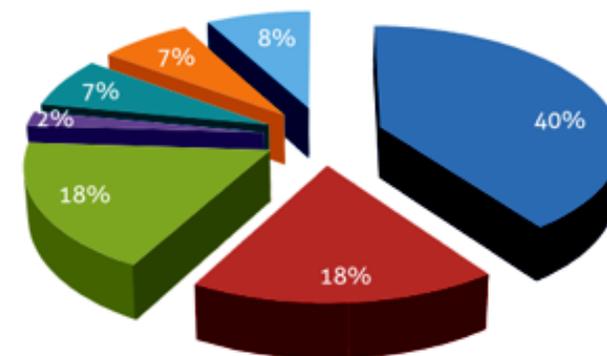
O autor continua afirmando que as incubadoras de empresas tecnológicas oferecem um conjunto ligeiramente diferente de serviços. As associadas com universidades geralmente oferecem diferenciais na infraestrutura, como acesso a laboratórios de tecnologia avançada, equipamentos, auditórios, salas de reuniões, e também outros recursos, tais como professores, funcionários, alunos, e bibliotecas (PHILLIPS, 2002).



Muitos são os focos encontrados de incubadoras. As diferentes áreas de atuação das incubadoras podem ser com foco em segmentos como o agroindustrial, cultural, de artes, de cooperativas, de empresas de base tecnológica, de setores tradicionais, social, dentre outros (SCARAMUZZI, 2002; ARANHA, 2003; ORTIGARA, 2011). Especificamente tratando da divergência entre as tipologias, as diferenças, por exemplo, de incubadoras de empresas de base tecnológica e a incubadoras de empresas tradicionais encontram-se exclusivamente por estas serem oriundas de pesquisas científicas, já as incubadoras tradicionais

abrigam empreendimentos ligados aos setores tradicionais da economia, e que possuem pouca tecnologia agregada ao produto/serviço desenvolvido (ARANHA, 2003).

No Brasil, o estudo da ANPROTEC-MCTI (2012) indicou os percentuais de incubadoras existentes com foco nos diferentes setores de atuação de suas empresas incubadas. Dessa forma, apresenta-se na Figura 2, a quantidade de incubadoras de acordo com seu setor de atuação, demonstrando a grande representatividade das incubadoras tecnológicas perante os demais tipos de incubadoras existentes.



**Figura 2**  
Setores de atuação das incubadoras brasileiras.

Fonte: ANPROTEC-MCTI (2012).

## ESTUDO, ANÁLISE E PROPOSIÇÕES SOBRE AS INCUBADORAS DE EMPRESAS NO BRASIL

Relatório Técnico

VERSÃO RESUMIDA

Convênio de Cooperação Técnica MCTI & ANPROTEC

Dentro de programas de incentivo ao empreendedorismo e à inovação orquestrados pelo governo federal, têm-se as incubadoras de empresas como um instrumento de política de desenvolvimento setorial e produtivo, o que garante um interesse pelo acompanhamento do seu desenvolvimento. Sendo assim, no Brasil, foram desenvolvidas parcerias entre a Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (**ANPROTEC**), por meio do **Sistema de Acompanhamento de Parques Tecnológicos e Incubadoras de Empresas (SAPI)**, o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (**MCTI**), a Financiadora de Estudos e Projetos (**FINEP**), Conselho Nacional de Desen-

volvimento Científico e Tecnológico (**CNPq**) para realizar diagnósticos do desempenho das incubadoras nacionais (ANPROTEC-MCTI, 2012).

A maioria das incubadoras de empresas de base tecnológicas são financiadas total ou parcialmente por universidades e outras instituições de ensino. Isso se deve ao fato de que produtos ou serviços tenham sido desenvolvidos nas universidades decorrentes de processos de pesquisa e desenvolvimento (P&D) (PHILLIPS, 2002). Entretanto, outros financiamentos também são observados como, por exemplo, aqueles ligados aos órgãos de fomento do governo federal, governos federais e do próprio SEBRAE.

# AS INCUBADORAS EM DADOS

Os primeiros registros de processos de incubação de empresas foram dados no final da década de 50 em Nova Iorque, quando um empresário alugou um espaço de uma empresa que havia falido, com o intuito de destinar à utilização de empresas iniciantes, todas estas de setores semelhantes, desta forma eram oferecidos equipamentos assim como serviços (tais quais: administrativos, contabilidade, vendas, e marketing), os quais eram compartilhados o que ocasionava a redução dos custos de operação destas empresas (SILVA; VELOSO, 2013).

Os precursores do movimento de incubadora de empresas no mundo foram, primeiro o **Research Park**, de Stanford na Califórnia, criado em 1951 e também o **Centro Industrial de Batavia**, em Nova York, uma incubadora que foi criada em 1959. Essa primeira onda de incubadoras que foi surgindo tinha como intuito a reestruturação econômica e a criação de emprego, para isso estes programas forneciam espaços acessíveis e serviços a serem compartilhados (MIAN; LAMINE; FAYOLLE, 2016).



**Foto:** Research Park - University of Illinois

Fonte: LaPayne Photography

Em 1970, foi à vez do **Vale do Silício**, um polo industrial do setor de tecnologia da informação localizado no Estado da Califórnia, onde foram criadas incubadoras que tinham como propósito incentivar os recém-graduados a adentrarem no mundo do empreendedorismo. Através da oferta de oportunidades para a criação de empresas em parceria com o **Vale do Silício**, foram disponibilizadas infra-

estrutura física e assessoria nas áreas tecnológica, administrativa, gerencial e jurídica (SILVA; VELOSO, 2013).

No Brasil, o movimento de formação de incubadoras é mais recente quando comparado aos Estados Unidos e surge na década de 1980, com a iniciativa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) em criar as primeiras institui-

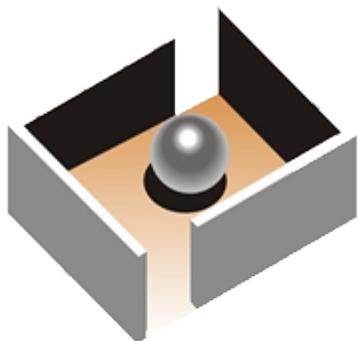
ções a apoiarem os empreendimentos inovadores do país, estas instituições contemplaram as cidades de Campina Grande (PB), Manaus (AM), São Carlos (SP), Porto Alegre (RS) e Florianópolis (SC). Diante desta decisão, foi criado em 1984 o ParqTec - Fundação Parque de Alta Tecnologia de São Carlos - onde foi instalada a primeira incubadora do Brasil (ANPROTEC, 2016).



**Foto:** Silicon Valley

Fonte: Coolcaesar

Não obstante, mesmo com a abertura de incubadoras no Brasil no início da década, somente em 1987 com a realização do “Seminário Internacional de Parques Tecnológicos” que as incubadoras realmente se consolidaram com fins de incentivos para atividades e produções tecnológicas. Para for-



**ANPROTEC**

malização deste estágio foi criado no mesmo ano a Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos de Tecnologias Avançadas (ANPROTEC), órgão responsável no Brasil por representar as incubadoras brasileiras assim como todos os empreendimentos cujo utilizam dos processos de incubação com vias de gerar inovação no Brasil (ANPROTEC, 2016).

Autores como Etzkowitz, Mello e Almeida (2005) indicam que o movimento de incubadoras brasileiras surgiu no momento pós regime militar que caminhava para a renovação da sociedade civil na década de 1980. A

ausência de um projeto centralizado permitiu que ocorresse uma considerável flexibilidade na aplicação do conceito de incubadora para atividades com objetivos diferentes. A incubadora permitiu que o Brasil criasse um modelo de desenvolvimento menos oneroso, aproveitando o conhecimento existente na academia e os recursos da indústria e do governo.

O movimento foi considerando como sendo top down onde governos, indústrias e a própria academia estipularam políticas que potencializaram a disseminação em diversas regiões do Brasil (ETZKOWITZA; MELLO; ALMEIDA, 2005).

O estudo realizado pela ANPROTEC-MCTI (2012) considera que a crise de 1980 colaborou para o forte impulso das incubadoras em todo o mundo. Ideias de desenvolvimento nacional foram revistas em razão do esfacelamento da produção fordista, da rápida introdução de novas tecnologias e do novo papel das pequenas e médias empresas na geração de empregos e renda. Segundo o mesmo estudo, nos

anos 90 as incubadoras crescem em ritmo acelerado e passam a ser consideradas como instrumentos reais de superação da crise e de alteração cultural, especialmente nos países em que o empreender ainda não havia se tornado uma alternativa de mesma qualidade que o “empregar-se”.

Analisando a trajetória das incubadoras de empresas, até a década de 1980,

eram encontrados 11 incubadoras de empresas nos Estados Unidos. Já em 2000, esse número aumentou para cerca de 600 incubadoras encontradas neste mesmo país. No momento atual, há mais de 1.250 incubadoras somente nos Estados Unidos (MIAN; LAMINE; FAYOLLE, 2016) e, em termos mundiais, estes números não são conhecidos o que também representa uma lacuna de conhecimento.



Atualmente no Brasil, são encontradas 369 incubadoras que estão em operação, estas abrigam 2.310 empresas incubadas e já graduaram 2.815 empresas. Estes números refletem uma empregabilidade de 53.280 novos postos de trabalho, e um faturamento das empresas apoiadas por incubadoras ultrapassa os R\$ 15 bilhões (ANPROTEC; SEBRAE, 2016).

O sistema econômico atual exige que ocorra um alto nível de competitividade entre as empresas e os negócios inovadores. Este cenário reclama por algumas competências que na maioria dos casos não estão presentes nas

pequenas e médias empresas, o que faz com que a taxa de mortalidade destas empresas no mercado se torne cada vez maior (MACIEL, 2012).

A seleção de uma incubadora de negócios se dá por se tratarem de ambientes diferenciados marcados pela inovação, como o mais garantido mecanismo de formação de empresas, por sua eficiência e eficácia. Além disso, estatísticas norte-americanas e europeias confirmam que a taxa de mortalidade de empresas que passam por incubação é de apenas 20%, e entre as demais empresas chega a 70%. Dados do Serviço Brasileiro de

Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) revelam que 49,4% dos micros e pequenos negócios no Brasil desaparecem antes de dois anos de atividade. Essa percentagem sobe para 56,4% se o prazo for de até três anos e, para 59,9%, até quatro anos. A Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (ANPROTEC) corrobora as estatísticas americanas e europeias, demonstrando que a passagem das empresas pela incubação eleva substancialmente seus índices de sobrevivência levando-os, inclusive, a se aproximar das estatísticas dos países desenvolvidos.

# Conheça a localização das incubadoras no Brasil

**Habitats de Inovação no Mundo**

Pesquisa de lugares

Receba Alertas ADICIONAR AO MAPA + LOGIN

**LUGARES** ADICIONAR UM LUGAR

**Parque** 169

**Incubadora** 222

**Pré-Incubadora** 0

**Rede De Colaboração** 69

**Aceleradora** 60

**Institutos De Tec.** 8

**FabLab** 18

**Coworking** 24

**Ufra** INCUBADORA TECNOLÓGICA DE EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS  
Avenida Presidente Tancredo N...  
★ ★ ★ ★ ★ MAIS INFOS >

**INTEC UEFS** A INCUBADORA DE EMPRESAS DE BASE TECNOLÓGICA DAS ENGENHARIAS DA UEFS - INTEC-UEFS  
Av. Transnordestina, s/n - Nov...  
★ ★ ★ ★ ★ MAIS INFOS >

**ITCP** INCUBADORA TECNOLÓGICA DE COOPERATIVAS POPULARES (ITCP/UFAC)  
BR-364, s/n - Distrito Industrial...  
★ ★ ★ ★ ★ MAIS INFOS >

Mapa do Brasil com 25 pontos numerados (1-25) indicando a localização das incubadoras em vários estados e cidades.

lot your Story with apps, photos & words  
Create yours

Fonte:

Disponível em: <https://classic.mapme.com/habitats-de-inova%C3%A7%C3%A3o-no-mundo/places/category/Incubadora>

# O PROCESSO DE INCUBAÇÃO

O processo de incubação pode ser compreendido como etapas sequenciais especificadas que garantem o desenvolvimento e fortalecimento do empreendimento no decorrer do processo de incubação, de acordo com a fase de vida da empresa (ALMEIDA, 2015).

Nesse contexto, Uggioni (2002) apresenta os seguintes passos no processo de incubação de uma empresa:

a) **Implantação:** etapa de constituição da empresa, com a formação da equipe e do negócio, bem como a obtenção de investimentos para realização de suas atividades;

b) **Crescimento ou desenvolvimento:** nesta etapa ocorre o aprimoramento técnico dos produtos, processos e serviços assim como a comercialização do mesmo;

c) **Consolidação:** etapa na qual se destaca a maturação das questões administrativas, financeiros e técnicos;

d) **Desincubação, liberação, ou graduação:** neste momento a empresa passa para o processo de desligamento sendo este o estágio em que a empresa incubada encontra-se pronta para deixar à incubadora.



Já para Andino et al. (2004) existem três etapas fundamentais que caracterizam o processo de incubação de uma empresa, sendo elas, a implantação, o crescimento e consolidação e a maturação. Conforme explanados a seguir:

1) Implantação: essa etapa se inicia a partir da seleção dos interessados a se instalar na incubadora (ANDINO et al., 2004). Segundo a ANPROTEC (2012) esta seleção se dá após uma avaliação dos critérios subsequentes: viabilidade econômica; perfil dos empreendedores; possibilidade de contribuição com o desenvolvimento local e setorial; aplicação de novas tecnologias; possibilidade de interação com universidades/centro

de pesquisa; potencial para rápido crescimento; número de empregos criados.

2) Crescimento e consolidação: esta fase se inicia quando a empresa incubada passa a utilizar do espaço físico e começa a receber os serviços oferecidos pela incubadora, tais quais: assessoramento administrativo, consultoria técnica, e organizacional, necessário para que a empresa desenvolva seu produto e adentre o mercado com seus próprios meios (ANDINO et al., 2004);

3) Maturação: trata-se do momento quando a empresa já passou por todo o processo de incubação, ou seja, o momento da saída da empresa da incubadora.

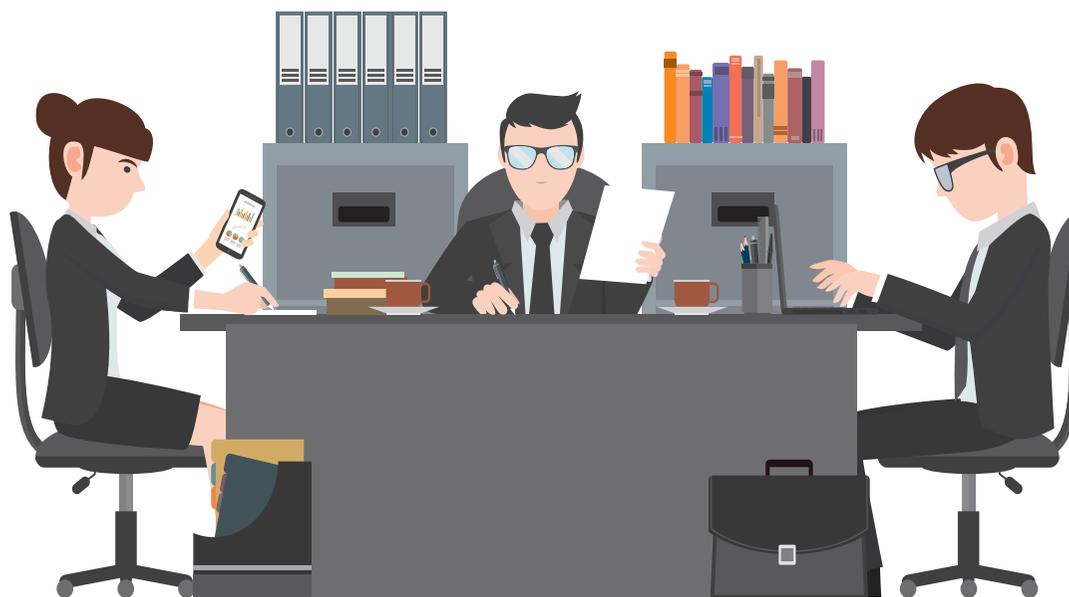


Diante do processo de incubação citado, existem algumas particularidades apresentadas pelas incubadoras, destacadas por Leite (2000), como por exemplo, para concorrer à vaga para ingressar na incubadora, a empresa deve se atentar à divulgação dos editais de seleção, da mesma forma deve apresentar um plano de negócio, o qual

deve explicar os tópicos de critérios de seleção já mencionados, como viabilidade do negócio, perfil do consumidor, entre outros aspectos.

O programa de incubação é determinado com uma permanência que gira em torno de 24 meses a 36 meses (MEDEIROS; ATAS, 1995), tendo em vista as especificidades e os resulta-

dos do instrumento de monitoramento e avaliação da empresa. Por se tratar de uma incubadora, o objetivo central é apoiar empresas formalmente constituídas que tenham produto ou processo inovador e que necessitem de apoio para aumentar sua competitividade e assegurar sua sustentabilidade (MACIEL et al., 2014; ALMEIDA, 2015).



# Como funciona uma incubadora



## O QUE É UMA INCUBADORA?

Organização que auxilia empreendimentos em fases iniciais oferecendo suporte por meio da disponibilização de espaço por período limitado e serviços que possam consolidar a ação empreendedora e ligar os empreendedores ao mercado, clientes, parceiros. Prepara empresas nascentes diante de um cenário competitivo e arriscado.

## A QUEM SE DESTINA?

Geralmente aceitam propostas apresentados por pessoas físicas (em processo de formalização da empresa) e empresas novas e existentes constituídas por pessoa jurídica.

## 1 SELEÇÃO

Para participar do **processo de incubação** é necessário fazer a inscrição em **edital** que ocorre ao longo do ano. Geralmente é compreendido em três etapas:

- inscrição no site da incubadora
- análise do negócio
- entrevista relacionada ao negócio

Geralmente os critérios analisados são:

- Mercado
- Capital
- Empreendedores
- Tecnologia (produto, serviço, processo)
- Gestão



No edital constam todos os prazos e as etapas do processo

## 2 PROCESSO DE INCUBAÇÃO

No processo de incubação são oferecidos, além de espaço físico por período limitado dentro da incubadora, serviços administrativos e assistenciais nas áreas como marketing, finanças, recursos humanos, entre outros. Inclui acesso a uma rede de provedores de serviços especializados, instituições financeiras, instituições de pesquisa e órgãos governamentais assim como networking.

## 3 BENEFÍCIOS

- Espaço físico dentro de um ambiente inovador e empreendedor
- Serviços de capacitação, assessorias, mentorias em áreas necessárias a empresa
- Networking e contato com redes de investimento, financiamento



## 4 PERÍODO DE INCUBAÇÃO

O prazo de permanência da empresa selecionada na Incubadora é geralmente 2 a 4 anos prorrogáveis (ou não) de acordo com o tempo estipulado pela própria Incubadora. O período de incubação também é definido pelas avaliações periódicas realizadas junto aos empreendedores.

## 5 GRADUAÇÃO

Última fase do processo de incubação quando a empresa sai da incubadora. Após o período de incubação a empresa já estará pronta para ser inserida no mercado.



# CONSIDERAÇÕES FINAIS

O surgimento das incubadoras se deu devido à carência que algumas empresas apresentavam quanto a sua estruturação no período inicial de inserção destas empresas no mercado. Os gestores destas empresas muitas vezes não possuem o conhecimento pleno, e outros não possuem uma ideia de negócio formalizada. Nesse sentido, as incubadoras auxiliam empresas de base tecnológica com infraestrutura física, técnica, e operacional, destinadas ao segmento de mercado no qual será introduzida, amparando as novas empresas na produção de seus produtos.

As incubadoras têm uma significativa representação do funcionamento da tríplice hélice. As mesmas chegaram ao Brasil na década de 80 logo após do movimento mundial capitaneado principalmente por países como os Estados Unidos nos anos 50.

Considerando as ações das incubadoras pode-se dizer que estas utilizam da infraestrutura de suas instituições (universidades) e aproveitam os recursos humanos disponíveis para as ações juntos aos empreendedores, como por exemplo, os professores dos diversos cursos, laboratórios e bi-

bliotecas. Para o ingresso no programa de incubação, são realizadas seleções nos quais os negócios devem ser apresentados e a viabilidade técnica, econômica e de mercado é considerada.



No Brasil após uma deficiência muito grande na avaliação da eficiência das incubadoras e consecutivamente das empresas incubadas, criou-se um modelo de gestão denominado **Centro de Referência para Apoio a Novos Empreendimentos (CERNE)** - um instrumento de monitoramento que visa promover

o sucesso dos empreendimentos inovadores. A parceria entre o Sistema Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e a Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (ANPROTEC), desenvolveu o modelo a partir de três níveis principais de abor-

dagens: a empresa, o processo de incubação e a incubadora. A partir destes níveis foram determinados cinco eixos: empreendedor, tecnologia, capital, mercado e gestão, para orientar o desempenho e a evolução das empresas [REIS; PALMA; CRESPO, 2012; CERNE, 2016].



# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIUB, George Wilson; ALLEGRETTI, Rogério Della Fávera. **Planejamento:** orientação estratégica para análise de viabilidade e estruturação de incubadoras de empresas. Porto Alegre: SEBRAE, 1998.

ALMEIDA, P. S. de. **Proposta de critérios para avaliação do ciclo de maturidade das empresas incubadas, a partir do modelo Cerne:** um estudo na incubadora tecnológica de Curitiba (INTEC). 171f. 2015. Dissertação (Mestrado) – Curso de Engenharia de Produção, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

ANDINO, Byron Fabrício Acosta et al. **Avaliação do processo de incubação de empresas em incubadoras de base tecnológica.** Encontro Anual da Anpad, v. 28, 2004. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/enanpad2004-act-1712.pdf>> Acesso em 12 de jun. de 2016.

ANPROTEC-MCTI. **Estudo análise e proposições sobre as incubadoras de empresas no Brasil.** 2012. Disponível em: <[http://www.anprotec.org.br/ArquivosDin/Estudo\\_de\\_Incubadoras\\_Resumo\\_web\\_22-06\\_FINAL\\_pdf\\_59.pdf](http://www.anprotec.org.br/ArquivosDin/Estudo_de_Incubadoras_Resumo_web_22-06_FINAL_pdf_59.pdf)> Acesso em 12 de jul. de 2016

ANPROTEC; SEBRAE. **ESTUDO DE IMPACTO ECONÔMICO: SEGMENTO DE INCUBADORAS DE EMPRESAS DO BRASIL.** 2016. Disponível em: <[http://www.anprotec.org.br/Relata/18072016Estudo\\_ANPROTEC\\_v6.pdf](http://www.anprotec.org.br/Relata/18072016Estudo_ANPROTEC_v6.pdf)>. Acesso em: 03 jul. 2016

ARANHA, José Alberto Sampaio. **Modelos de incubadora.** InfoDev Incubator Support, 2003. Disponível em: <[http://www.genesis.puc-rio.br/media/biblioteca/Modelos\\_de\\_incubadora.pdf](http://www.genesis.puc-rio.br/media/biblioteca/Modelos_de_incubadora.pdf)> Acesso em: 18 de Maio de 2016.

ARANHA, José Alberto Sampaio. **Mecanismos de geração de empreendimentos inovadores:** mudança na organização e na dinâmica dos ambientes e o surgimento de novos atores. Brasília. ANPROTEC. 2016. Disponível em: <[www.anprotec.org.br/site/menu/publicacoes-2/e-books/](http://www.anprotec.org.br/site/menu/publicacoes-2/e-books/)>. Acesso em: 20 jul. 2016.

BAÊTA, Adelaide Maria Coelho; BORGES, Cândido; TREMBLAY, Diane-Gabrielle. **Empreendedorismo internacional nas incubadoras:** perspectivas e desafios. Revista de Negócios, v. 10, n. 2, 2007.

BERGEK, A.; NORRMAN, C. **Incubator best practice:** A framework. Technovation, v. 28, n. 1, p. 20-28, 2008. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0166497207001046>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

BOTELHO, L. L. R.; GAUTHIER, F. A. O.; MACEDO, M. **Transferência de Conhecimento entre incubadoras, universidade e sociedade.** Florianópolis, Editora Pistis. 2015.

**BRASIL.** Lei nº 10.973, de 02 de dezembro de 2004. Dispõe sobre incentivos à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, DF, n. 232, seção 1, p. 2, 2 ago. 2004. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/lei/l10.973.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/l10.973.htm)>. Acesso em: 21 maio 2016.

**BRASIL.** Lei nº 13.243, de 11 de Janeiro de 2016. Dispõe sobre estímulos ao desenvolvimento científico, à pesquisa, à capacitação científica e tecnológica e à inovação e altera a Lei no 10.973, de 2 de dezembro de 2004, a Lei no 6.815, de 19 de agosto de 1980, a Lei no 8.666, de 21 de junho de 1993, a Lei no 12.462, de 4 de agosto de 2011, a Lei no 8.745, de 9 de dezembro de 1993, a Lei no 8.958, de 20 de dezembro de 1994, a Lei no 8.010, de 29 de março de 1990, a Lei no 8.032, de 12 de abril de 1990, e a Lei no 12.772, de 28 de dezembro de 2012, nos termos da Emenda Constitucional no 85, de 26 de fevereiro de 2015. Diário Oficial da União, Brasília, 2016. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/lei/l13243.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13243.htm)> Acesso em: 24 de maio de 2016.

**CERNE.** **Centro de Referência para Apoio a Novos Empreendimentos/** Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores - Anprotec (2016). Brasília.

CULTI, Maria Nezilda. **Economia solidária:** incubadoras universitárias e processo educativo. Rev Proposta, v. 31, n. 111, p. 16-22, 2007. Disponível em: <[http://www.unitrabalho.uem.br/administracao/bd\\_artigos/arquivos/010614153016.pdf](http://www.unitrabalho.uem.br/administracao/bd_artigos/arquivos/010614153016.pdf)> Acesso em: 15 de maio de 2016.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Planejando Incubadoras de Empresas.** Rio de Janeiro. Editora Campus. 2002. Disponível em:< [http://www.josedornelas.com.br/wp-content/uploads/2010/01/planejando\\_incubadoras.pdf](http://www.josedornelas.com.br/wp-content/uploads/2010/01/planejando_incubadoras.pdf) > Acesso em: 24 de jul. de 2016.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo:** Transformando ideias em negócios. Rio de Janeiro: Elsevier. 2008.

ETZKOWITZ, Henry; DE MELLO, Jose Manoel Carvalho; ALMEIDA, Mari-za. **Towards "meta-innovation" in Brazil:** The evolution of the incubator and the emergence of a triple helix. Research Policy, v. 34, n. 4, p. 411-424, 2005. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S004873330500034X>> Acesso em: 15 de maio de 2016.

LEITE, E. **O Fenômeno do Empreendedorismo Criando Riquezas.** Recife, Editora Bagaço. 2000.

MACIEL, Raquel Siqueira et al. **Sistema de monitoramento e avaliação de empresas incubadas:** Aplicação em uma Incubadora da UFRN. In: XXIV Seminário Nacional de Parques Tecnológicos e Incubadoras de Empresas. Belém, 2014. Disponível em: <<http://www.anprotec.org.br/Relata/ArtigosCompleto/ID%20114.pdf>> Acesso em: 23 de jul. de 2016.

MEDEIROS, J. A. ATAS, L. **Incubadoras de Empresas:** Balanço da Experiência Brasileira. In: IV Seminário Nacional de Pólos e Parques Tecnológicos. Brasília, IBICT/ SEBRAE; Rio de Janeiro, FINEP/ CNI; São Paulo, ANPROTEC, 1995. Disponível em: <<http://rausp.usp.br/wp-content/uploads/files/3001019.pdf>> Acesso em: 23 de jul. de 2016.

MIAN, Sarfraz; LAMINE, Wadid; FAYOLLE, Alain. **Technology Business Incubation: An overview of the state of knowledge.** Technovation, v. 50, p. 1-12, abr. 2016. Elsevier. Disponível em: <[http://ac.els-cdn.com/S0166497216000183/1-s2.0-S0166497216000183-main.pdf?\\_tid=0f07a3e0=1-29d11-6e892-c00000-aa0b6fc&acdnat=1463597466\\_4421e781c5a07b1201350c8bb948050f](http://ac.els-cdn.com/S0166497216000183/1-s2.0-S0166497216000183-main.pdf?_tid=0f07a3e0=1-29d11-6e892-c00000-aa0b6fc&acdnat=1463597466_4421e781c5a07b1201350c8bb948050f)> Acesso em: 18 de maio de 2016.

ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. **Manual de Oslo:** proposta de diretrizes para coleta e interpretação de dados sobre inovação tecnológica. São Paulo: FINEP. 2004. 136p.

PHILLIPS, Rhonda G. **Technology business incubators:** how effective as technology transfer mechanisms? Technology in society, v. 24, n. 3, p. 299-316, 2002. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160791X02000106>>. Acesso em 04 e jul. de 2016.

RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. **O suporte das incubadoras brasileiras para potencializar as características empreendedoras nas empresas incubadas.** Revista de Administração, v. 41, n. 4, p. 419-430, 2006. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/rausp/article/view/44416/48036>> Acesso em: 23 de jul de 2016.

REIS, T. B.; PALMA, M. A. M.; CRESPO, A. de C. **Avaliação de desempenho de empresas incubadas com base no modelo CERNE:** o caso de uma incubadora do Norte Fluminense. In: XXXII Encontro Nacional de Engenharia de Produção. Bento Gonçalves, 2012. Disponível em: <[http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2012\\_tn\\_sto\\_163\\_949\\_19780.pdf](http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2012_tn_sto_163_949_19780.pdf)> Acesso em: 24 de jul. de 2016.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **Teoria do desenvolvimento econômico:** uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

SILVA, Jurema Barreto da; VELOSO, Yasmin Silva. **Manual: Programa Multincubadora de Empresas.** Brasília. Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico/UnB. 2013. Disponível em: <[http://www.cdt.unb.br/vitrinetecnologica/arquivos/bibliotecavirtual/manuais\\_cdt/livro2\\_Multincubadora\\_WEB.pdf](http://www.cdt.unb.br/vitrinetecnologica/arquivos/bibliotecavirtual/manuais_cdt/livro2_Multincubadora_WEB.pdf)> Acesso em: 15 de maio de 2016.

TEIXEIRA, C. S.; MACEDO, M.; EHLERS, A. C. T.; TRINDADE, E. P.; GAUTHIER, F. O.; LABIAK JÚNIOR, S. **Benchmarking de habitats de inovação:** Américas. 2016. 182p. Disponível em: <[http://recepti.org.br/wp-content/uploads/2016/02/ebook\\_americas.pdf](http://recepti.org.br/wp-content/uploads/2016/02/ebook_americas.pdf)> Acesso em: 23 de maio de 2016.

UGGIONI, N. **Sistema de Acompanhamento e Avaliação de Empresas Residentes em Incubadoras.** 2002. 108 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Engenharia da Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Realização



Apoio

